

Uma análise da velhice sob a ótica da Psicanálise em “Memória de minhas putas tristes”

An analysis of old age from the perspective of Psychoanalysis in "Memories of my melancholy whores"

BALDIN, Talita¹

VIDAL, Paulo Eduardo Viana²

RESUMO

O artigo visa tecer algumas considerações acerca da velhice a partir da ótica da psicanálise, utilizando como meio de ilustração fragmentos da obra *Memória de minhas putas tristes*, de Gabriel Garcia Márquez (2005). O objetivo é desenvolver uma análise da velhice e do velho, conforme nos conta o personagem da obra analisada. Consideramos que abordar a temática da velhice em articulação com tal obra literária é uma maneira de ilustrar algumas das relações vivenciadas pelos velhos na sociedade. Muitas vezes, trata-se de uma posição desinvestida, similar a uma “morte civil”. Por fim, à luz da Psicanálise, nos preocupamos com espaços de escuta e de diálogo, principalmente nos ambientes familiares, de modo que os velhos tenham condições de atualizarem a si mesmos enquanto sujeitos de desejos e interesses. Com isso, favorecemos seus sentimentos de pertencimento e criação de um lugar de referência, que demarque um espaço em que eles sejam capazes de se ver por se sentirem é capaz de se ver por se sentir objeto de desejo também do outro.

Palavras-chave: Literatura. Velho. Clínica de velhos.

ABSTRACT

This article aims to make a few considerations about the old age from the perspective of psychoanalysis and using as illustration, fragments of the *Memorie of my melancholy whores*, by Gabriel Garcia Márquez (2005). The goal is to develop an analysis of old age and aging according to the character analyzed. We believe that addressing the issue of aging in conjunction with such literary work is a way to illustrate some of the relationships experienced by the elderly in society. Often it is a disinvested position, similar to a "civil death". Finally, for the psychoanalysis, we care about listening and dialogue spaces,

¹ Universidade Federal Fluminense. E-mail : talitah_0507@yahoo.com.br

² Universidade Federal Fluminense. E-mail : paulovidal@id.uff.br

particularly in familiar surroundings, so that the elderly are able to update themselves as subjects of desires and interests. With that we favor their feelings of belonging and creating a place of reference, which demarcate a space in which he is able to see to feel object of desire also of the other.

Key-words: Literature. Old. Clinic with elders.

Este artigo visa tecer algumas considerações acerca da velhice a partir da ótica da psicanálise e utilizando como meio de ilustração fragmentos da obra *Memória de minhas putas tristes*, de Gabriel Garcia Márquez (2005). O objetivo é desenvolver uma análise mais aprofundada da velhice e do velho conforme nos escreve com maestria o personagem de Garcia Márquez. O interesse nesta análise parte do contato da autora com a obra quando do desenvolvimento de sua dissertação, momento este em que as considerações trazidas por diversos sujeitos, participantes da pesquisa de mestrado, remetiam a noções já desenvolvidas por Messy (1993) e Mucida (2004) acerca da temática da velhice.

O romance, no entanto, surgiu como uma espécie de estudo de caso para pensar a velhice e a condição do velho no contexto atual. Optamos por fazer um recorte teórico e abordar o significado de velho e de velhice, bem como apontar algumas considerações acerca do papel exercido pelo velho em nossa sociedade num momento em que a valorização social se concentra no novo. Nosso objetivo maior é, portanto, chegar a uma compreensão, embora longe de definida e definitiva, de como levar em conta as especificidades das vivências do velho em um contexto social no qual a velhice é desinvestida. O que, portanto, se inscreve no corpo do velho?

Velhice e psicanálise

Primeiramente, justifica-se a escolha dos termos “velho” e “velhice” para tratar da população abordada neste artigo. Justifica-se pelo fato de que, ao optar por trabalhar sob o enfoque psicanalítico, não se pode compreender o sujeito referenciado em categorias, uma vez que é sempre uma individualidade. Isso acontece porque ao admitir o inconsciente como objeto de estudo, a Psicanálise aponta para atemporalidade dos processos psíquicos, logo não é possível referenciar alguém com uma certa idade a um certo grupo, como acontece com as ciências sociais. Por isso, optamos por considerar simplesmente por “velho” aquele que se vê como velho a partir do olhar do Outro, pois o sujeito se estrutura no olhar do Outro (LACAN, 1964/1990). Ou seja, é apenas do ponto de vista do imaginário que se vê e retrata

o velho na sociedade, mais próximo a um estado (MESSY, 1993) do que um “ser” efetivamente. Isso diz de uma forma de reconhecer o outro pelo espelho, identificar quem ele é pelas marcas que o tempo produz e escreve em seu corpo, independentemente da idade cronológica, conforme descreveria o Estatuto do Idoso (2004) e teorias com vieses sociológicos.

Para pensar no velho a partir do campo teórico da Psicanálise, é preciso retomar os apontamentos nas obras de Freud de que a Psicanálise não seria aconselhada para a clínica com os velhos. No entanto, Freud (1898/1976) faz essas pontuações em um momento da história em que as pessoas viviam em torno de 50 anos, diferentemente de hoje, quando facilmente se chega aos 80 anos de idade. Apenas no Brasil, país considerado em desenvolvimento, dados estatísticos apontam para a expectativa de vida ao nascer para além dos 74 anos de idade (BRASIL, 2013). Além disto, sua aposta era a de que a partir desta idade seria quase impossível o analisando fazer regressão às memórias infantis e, portanto, o tempo que o tratamento psicanalítico exigia não justificava o investimento. Por outro lado, aponta também que a velhice representa uma certa inércia psíquica. Em suas palavras, “quando o trabalho da análise abre novos caminhos, observamos que o impulso tem dificuldades de ingressar neles. A esse comportamento chamamos de ‘resistências do id’” (FREUD, 1937/1975, p. 12). Isso daria abertura para que os processos mentais fossem mais fixos, imutáveis e rígidos, algo comum em pessoas mais velhas.

Tais resistências têm relação com o fenômeno chamado por Freud (1937/1975) de “entropia psíquica”, conceito emprestado da física para indicar o grau de organização de um sistema. Ela se caracteriza pela parcela de elementos disponíveis, mas não utilizados, que não circulam pelo sistema. Ou seja, muitas vezes, na velhice há dificuldades para o investimento libidinal em objetos externos ao sujeito e para o retorno dessa libido ao ego, o que pode acontecer tanto com pessoas de avançada idade, quanto com pessoas muito jovens. Em outras palavras, a entropia psíquica caracteriza a perda da plasticidade em permitir a circulação de libido.

Em se tratando dos velhos, tem relação direta com o prazer, como se o sujeito não fosse capaz de encontrar satisfação na realidade. No entanto, com a prática clínica, Freud (1937/1975) percebe que não é possível crer que os eventos mentais sejam governados somente pelo desejo, assim como é possível, ao longo da vida, descobrir novos objetos para investimento libidinal, pois a relação externa com a realidade pode ser prazerosa mesmo em idades mais avançadas.

Embora Freud não tenha falado muito sobre a velhice de forma específica, trouxe suas colaborações ao, de forma generalizada, expandir o campo do inconsciente e com relação à atemporalidade desses processos. Além disso, para além do aumento da expectativa de vida, que atualmente está em mais de 73 anos no Brasil (BRASIL, 2013), sabemos que o tempo cronológico diz pouco do sujeito, uma vez que o inconsciente é atemporal e que quando se fala de sujeito, estamos sempre tratando do sujeito do inconsciente. Este é abordado nos estudos de Breuer e Freud (1895/1990) sobre a histeria.

É pela escuta dos relatos de suas pacientes que Freud desenvolve a teoria em torno de uma estrutura capaz de comportar as verdades próprias e particulares de cada sujeito, verdades estas que muitas vezes se tornavam manifestas no corpo pela via do sintoma. Portanto, o inconsciente não está descolado de outra importante tese freudiana para a compreensão da constituição do sujeito, a formação do aparelho psíquico. Freud considera que o sujeito se funda na noção de sexualidade e que o adulto revive incessantemente o que vivenciou na primeira infância. A sexualidade seria, portanto, um dos primeiros componentes do psiquismo e tem relação direta com a noção de inconsciente e, por consequência, de sujeito. É neste momento, também, que se instaura a primeira tópica freudiana.

Na *História do movimento psicanalítico* (1914), Freud aponta que há uma lógica de funcionamento psíquico que possui características diferenciadas e articuladas. No aparelho psíquico, há conteúdos que podem ser recalcados pelo ego (consciente), tornando-se inconscientes por não terem acesso permitido à consciência, e que serão passados ao Id e ao superego, de ordem inconsciente e pré-consciente. Todas essas noções são importantes para compreensão do sujeito porque é a partir desta dinâmica que se resulta a personalidade, quando enfim é possível falar de sujeito.

Lacan (1964/1990), no *Seminário XI*, concede à estrutura papel dominante e fala em dois campos, do sujeito e do Outro, sendo que o Outro “é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (LACAN, 1964/1990, p. 193-194). Com o nascimento, o bebê se assujeita ao Outro, pois é inserido em uma cultura, uma ordem social, uma família e uma linguagem própria. Ele se assujeita àquilo que o antecede e, para que seja representado pela via da linguagem, é preciso que uma separação aconteça. Diante da separação, começa a fazer sentido perguntar o que é que o outro deseja de si, ou mesmo se ele faz falta, questão importante para pensar a velhice do ponto de vista da Psicanálise.

Nesse contexto, a relação estabelecida entre homem e linguagem é similar àquela vivenciada com relação ao inconsciente. São as diversas relações estabelecidas com outras pessoas ao longo da vida que permitirão que o homem crie uma imagem que poderá chamar de “eu” e assim, construir uma referência mais ou menos própria, portanto, tornar-se sujeito.

Esse vivo, chamado à subjetividade, permite a manifestação da pulsão. A pulsão é sempre parcial e exerce o papel de representante das consequências da sexualidade no psiquismo: “a sexualidade se instaura no campo do sujeito por uma via que é a da falta” (LACAN, 1964/1990, p. 194). Duas são as faltas. A primeira é a dependência do significante que se encontra primeiramente no campo do Outro, e que é uma falta real, já que representa a perda de um pedaço do vivo a que acabamos de reportar. Retrata a busca do sujeito não por um complemento, mas por uma parte perdida dele mesmo ao se deparar com sua mortalidade.

Messy (1993) se apropria da teoria lacaniana para exemplificar que ao longo da vida o velho faz uma coleção de perdas. Todas as perdas vividas ao longo da existência de um sujeito indicam marcas que estruturam o seu eu: a perda dos dentes de leite, na criança é o avanço para a adolescência. A perda da virgindade, no jovem, é um marco que o aproxima da idade adulta. No adulto, a menopausa nas mulheres, e a aposentadoria e a perda de pessoas próximas com a mesma idade cronológica. São perdas que se tornam mais evidente conforme se somam.

A segunda falta é da ordem do irreal e representada pela libido, órgão necessário para a compreensão da pulsão. Dizemos que é uma falta irreal por se articular ao campo do real de um modo que nos escapa, que nos é impossível ter acesso. O sujeito é efeito da linguagem. Isso, porque se faz sujeito na relação com o Outro (LACAN, 1964/1990). Precisamente, se o sujeito se constrói no campo do Outro, o sujeito do inconsciente é visto de forma indeterminada, pois o significante que escreve sua história está em um lugar indeterminado. Ou seja, o sujeito pode ocupar diversos lugares à medida que se coloca sob um ou outro significante.

Seria por isso, também, que os velhos tendem a se fixar em discursos acerca do passado (as histórias da mocidade, os relatos das cidades, os lugares em que viveram e passaram). Para além de um saudosismo, é uma tentativa de alimentar o ego, já que na velhice ele não é mais representante ideal da imagem que se quer ver no espelho do outro (MESSY, 1993; MUCIDA, 2009).

Destacamos ainda que, na relação entre sujeito e Outro, uma falta cobre a outra, criando uma relação dialética dos objetos do desejo, em que o desejo do sujeito faz junção com o desejo do Outro, processos essencialmente de ordem inconsciente. Essa noção é fundamental para o fazer desta pesquisa, conforme veremos adiante.

A velhice e o olhar o outro, em *Memória de minhas putas tristes*

Gabriel Garcia Márquez escreveu *Memória de minhas putas tristes* em 2004, publicando-o no Brasil no ano seguinte. O romance retrata a história de um homem que completa 90 anos. O protagonista da história é um velho solitário, solteiro, aposentado como telegrafista e que se mantém atuante como jornalista e escritor de crônicas e críticas musicais para um jornal local, no qual trabalha há décadas.

Diante de seu 90º aniversário, decide dar-se de presente uma noite com uma virgem. Para isso, entra em contato com uma cafetina, uma conhecida antiga e que ainda mantém contato, fazendo a encomenda. A sugestão da cafetina é uma moça de 14 anos, por quem ele acaba se apaixonando. Tal paixão vai muito além do cunho sexual a que até então atribuía sua vida amorosa. Com relação a isso, o personagem aponta que o sexo nunca lhe permitiu amar. Ele relata que ao longo de sua vida cultivou práticas sexuais com prostitutas e que não manteve relacionamentos longos – o mais longo foi com uma empregada que ainda limpa sua casa.

Uma das questões fundamentais da história é que parece que o personagem passa a amar a menina, subvertendo suas experiências “românticas” anteriores, e se apega a vê-la dormindo, sem lhe encostar. Este se torna seu deleite. Por diversas noites dorme com ela, até que menina desaparece após a ocorrência de um crime no bordel em que os dois se encontravam. Ele procura-a pela cidade, desesperado. Mas, apenas tempos depois há um reencontro: a cafetina entra em contato e encontra a menina, mais crescida e trabalhando como prostituta. Ele passa a visitá-la com frequência e quer comprar o bordel, a casa, tudo. Mas apenas consegue um acordo com a cafetina de que aquele que morresse por último deixaria tudo à menina. Assim, o personagem, que não tem nome, vivia dias felizes, velho e amando. Márquez relata que ele foi “condenado a morrer de bom amor na agonia feliz de qualquer dia depois dos meus cem anos” (MÁRQUEZ, 2005, p. 127).

A obra é rica para diversas discussões, no entanto optamos neste artigo, por trabalhar com a questão da velhice conforme é representada pelo personagem. Tomando consciência da proximidade de seu aniversário de 90 anos, ele não se sente velho, mas todos

já lhe atribuíram a velhice ao se depararem com o que veem ao olhar para ele: do ponto de vista orgânico, a idade e o corpo velho. Do ponto de vista psíquico, as vivências de alguém que chegou aos 90 anos.

Um ponto interessante para pensar a questão do velho e da velhice diante do espelho do outro está em uma cena em que o personagem cita uma frase atribuída a Júlio César: “é impossível não acabar sendo do jeito que os outros acreditam que você é” (MÁRQUEZ, 2005, p. 107). Em conversa com uma antiga amante, relata:

Ela sentiu, viu meus olhos úmidos de lágrimas, e só então deve ter descoberto que eu já não era o que fui e sustentei seu olhar com uma coragem da qual nunca me achei capaz... É que estou ficando velho, disse a ela. Já ficamos, suspirou ela. **Acontece que a gente não sente por dentro, mas de fora todo mundo vê** [destaque nosso] (MÁRQUEZ, 2005, p. 109).

É do velho e da velhice conforme é sentida pelo personagem que queremos falar, de uma velhice que não se atrela à idade cronológica, mas sob o ponto de vista subjetivo.

Cabe diferenciar velho de velhice e também fazer um apontamento sobre o envelhecimento, em Psicanálise. Sobre o envelhecimento, é um termo emprestado da biologia, mais especificamente das teorias evolutivas (BEE, 1997) que tem por objetivo caracterizar o processo de desgaste das células e da energia vital dos seres vivos ao longo do tempo. Seria, portanto, um processo cronológico pelo qual nos tornamos mais velhos, sem qualquer representatividade do ponto de vista do inconsciente. Sozinha, esta definição é demasiado simplista, pois não abarca qualquer singularidade nas vivências, ao mesmo tempo em que esse processo está longe de ser linear e universal. Da mesma forma, a partir da Psicanálise, e por consideramos o inconsciente atemporal, não faz sentido atribuir a ideia de envelhecimento ao eu do sujeito, mas apenas a seu corpo, o que tampouco acontece de forma única e padronizada, uma vez que experienciamos distintas situações ao longo de nossa vida e elas dizem sobre esse corpo que envelhece.

Podemos ilustrar essa passagem novamente com o personagem enquanto vislumbra fotografias. Ele tem consciência de que o real do corpo que envelhece não é compatível com o que se sente com relação a si no suceder do tempo.

No vestibulo, como vice-reis mortos, estavam os retratos a óleo dos três diretores vitalícios e as fotografias dos visitantes ilustres. A enorme sala principal estava presidida pela fotografia gigantesca da redação atual, feita na tarde do meu aniversário. Não consegui evitar a comparação mental com outra, dos meus trinta anos, e uma vez mais comprovei com horror que **se envelhece mais e pior nos retratos que na realidade** [grifo nosso] (MÁRQUEZ, 2005, p. 95-6).

É sempre no olhar do outro que o velho se vê e essa noção temporal de envelhecimento embasa as práticas realizadas com os velhos, assim como com pessoas que vivenciam qualquer outro período da vida, definindo também quem é o bebê, a criança, o adolescente e o adulto. Ou seja, retrata como os outros, do ponto de vista do imaginário, veem o velho na sociedade. Isso diz de uma forma de reconhecer o outro pelo espelho, identificar quem é o outro pelas marcas que o tempo produz e escreve em seu corpo.

Em uma passagem do romance, o personagem se questiona quando é que começou a tomar consciência de ser velho e percebe que foi por observações de outros que tomou consciência de sua idade, primeiramente aos 42 anos, em uma consulta médica; e mais tarde, em seu aniversário de 90 anos, com as velas do bolo.

Comecei por me perguntar quando tomei consciência de ser velho, e acho que foi pouco antes daquele dia. Aos quarenta e dois anos havia acudido ao médico por causa de uma dor nas costas que em estorvava para respirar. Ele não deu importância: é uma dor natural na sua idade, falou.

- Então – disse eu -, o que não é natural é a minha idade.

(...) Foi a primeira vez que pensei na minha idade em termos de velhice, mas não tardei a esquecer o assunto. E me acostumei a despertar cada dia com uma dor diferente que ia mudando de lugar e forma, à medida que passavam os anos. Às vezes parecia ser uma garrotada da morte e no dia seguinte se esfumava. Nessa época ouvi dizer que o primeiro sintoma da velhice é quando a gente começa a se parecer com o próprio pai. (...) **A verdade é que as primeiras mudanças são tão lentas que mal se notam, e a gente continua se vendo por dentro como sempre foi, mas de fora os outros reparam** [grifo nosso] (MÁRQUEZ, 2005, p. 12).

Portanto, são os outros quem “reparam”, aqueles que começam a indicar para o velho que, de fato, ele está tornando-se velho. Nem sempre isso é sentido e tantas vezes o acerta de forma rasteira e instantânea: não se está esperando. O corpo dá seus indícios, mas são inconstantes, quanto às dores, “às vezes parecia ser uma garrotada da morte e no dia seguinte se esfumava” (MÁRQUEZ, 2005, p.12). Os olhares dos outros, no entanto, dão a sentença definitiva. É quando, por exemplo, levam-lhe um bolo em seu aniversário: “as secretárias levaram ao salão um bolo com noventa velas acesas que fizeram com que eu enfrentasse pela primeira vez o número de meus anos” (idem, p. 49).

Quando Freud (1915/1974) aborda o inconsciente em sua obra de mesmo nome, destaca a atemporalidade dos processos inconscientes e que esses podem ser vivenciados e apreendidos por meio da linguagem. Além disso, a linguagem é a via para os processos inconscientes que nos direcionam para outro tempo, o qual não diz sobre a ordem cronológica da existência, mas sobre algo que não envelhece com o passar dos dias, que não sofre os mesmos efeitos que aqueles físicos e visíveis, portanto de fácil acesso, infringidos no corpo físico.

De forma mais ampla, isso quer dizer que se um adulto jovem ou um velho busca por atendimento, não há qualquer distinção do ponto de vista do inconsciente. Messy³ chega a definir o tratamento psicanalítico como um “encontro peculiar de inconscientes, qualquer que seja a idade do paciente... ou do psicanalista; somente estão em jogo seus desejos. Na circulação da libido não há jovem nem velho, o desejo não tem idade” (1993, p. 8). É também por esse caminho que olhamos para o velho.

Em sua tese, Messy (1993) anuncia que “a pessoa idosa não existe”, considerando que não é possível abordar o “idoso” enquanto categoria individual, uma vez que a velhice é um estado. Credo nisso, só é possível falar de idoso enquanto categoria social – é sempre um lugar ocupado por um certo sujeito no olhar do outro, da família, dos mais jovens. Enfim, só se pode ser velho a partir do olhar da coletividade. Com relação a isso, o personagem percebe-se velho em uma passagem instigante da obra.

Comecei a medir a vida não pelos anos, mas pelas décadas. A dos cinquenta havia sido decisiva porque tomei consciência de que quase todo

³ Messy é pioneiro ao abordar a velhice e a demência sob a ótica da Psicanálise, sendo que após seu trabalho em “A pessoa idosa não existe” na década de 1990, a literatura sobre o tema é fortemente influenciada por seu olhar.

mundo era mais moço do que eu. A dos sessenta foi a mais intensa pela suspeita de que já não me sobrava tempo para me enganar. A dos setenta foi temível por uma certa possibilidade de que fosse a última. Ainda assim, quando despertei vivo na primeira manhã de meus noventa anos na cama feliz de Delgadina, **me atravessou a ideia complacente de que a vida não fosse algo que transcorre como o rio revoltado de Heráclito, mas uma ocasião única de dar a volta na grelha e continuar assando-se do outro lado por noventa anos a mais** (MÁRQUEZ, 2005, p. 119-120).

Nesse trecho, o personagem reconhece-se velho diante de uma categoria social, a do “idoso”, não reconhecida pela Psicanálise. Mas, ao mesmo tempo, resiste ao apontar-se como surpreso com a constatação de que ser velho nem sempre acontece da mesma forma, com todos, pois ele, aos 90 anos, percebe a vida dando-lhe uma oportunidade, que considera única, de continuar.

Com este retrato, Márquez (2005) traz a velhice do ponto de vista da percepção: pelo espelho, o sujeito se vê envelhecendo fisicamente e ao se dar conta disto nada pode esperar além da aproximação da morte, que anteriormente já fora discutida com Freud (1915/1974). Ao buscar sentidos para a velhice, inconscientemente percebemos que estamos convictos de nossa imortalidade e, em se tratando da atemporalidade do inconsciente, a morte não possui representação. Por fim, aponto que para o inconsciente, o velho é sempre o outro. Se envelhecer só diz respeito ao velho, nos localizamos fora das ameaças do tempo. Logo, do ponto de vista do imaginário, somos inalcançáveis pela morte. Talvez, manter-se distante da morte, seja o que o personagem de Márquez busca.

No começo de julho senti a distância real da morte. Meu coração perdeu o compasso e comecei a ver e a sentir por todos os lados os presságios inequívocos do final. O mais nítido foi um concerto no Belas-Artes. (...) No final, com o *Allegretto poco mosso*, estremeceu-me a revelação deslumbrante de que estava escutando o último concerto com que o destino me deparava antes de morrer. Não senti dor nem medo, mas a emoção arrasadora de ter conseguido viver até ali (MÁRQUEZ, 2005, p. 117-8).

A morte torna-se, então, a impossibilidade de representação. Ela não é passível de ser acessada, embora se reconheça sua existência e, talvez, proximidade.

Ainda com relação a isso, Messy (1993) trata do envelhecimento em termos de perdas e aquisições, no entanto indo muito além do sentido biológico desses termos, que optamos por não adentrar neste artigo.

Em termos de aquisições, envelhecer está muitas vezes ligado à maturidade e à acumulação da personalidade. Para exemplificar com o personagem de Márquez (2005, p. 75) “quando meus gostos musicais entraram em crise me descobri atrasado e velho, e abri meu coração às delícias do acaso”. Ainda, faz um apontamento acerca do que acredita que a velhice não seja: “nunca pensei na idade como se pensa numa goteira no teto que indica a quantidade de vida que vai nos restando” (idem, p. 12).

Isso nos faz crer que, para ele, o passar da idade traz algum tipo de aquisição, embora não se possa deixar de levar em conta que defrontar-se tão explicitamente com o que outros têm a dizer sobre si apressa-se, em determinado momento, com receber aquilo que deseja, por conta da idade. Ao solicitar a virgem em seu aniversário, a cafetina lhe pede algum tempo para resolver o caso. “Me pediu nem que fosse dois dias para revirar o mercado a fundo. Eu repliquei a sério que numa questão dessas, e na minha idade, cada hora é um ano” (MÁRQUEZ, 2005, p. 8). Ou seja, há algo de uma urgência que também faz com que ele se preocupe com a vida que passa.

Já as perdas são essencialmente de caráter pejorativo, sobre aquilo que se perde com o tempo. Em Psicanálise, podemos falar de dois processos, continuamente presentes na existência humana, uma ligada à construção e à assimilação; e outra destrutiva, desassimilativa (FREUD, 1920/1975). Neste mesmo sentido se orientam os movimentos pulsionais, pulsão de vida por um lado, e pulsão de morte por outro.

Com foco no envelhecimento enquanto aquisição, Messy (1993) aponta para as contribuições da Psicanálise com relação a um investimento da dimensão imaginária do ego: o sujeito investe em objetos significativos e, assim, a noção de aquisição é fruto da relação narcísica do eu com o objeto. “Sem o sabermos, moldamo-nos à imagem de um outro, por quem nutrimos afetos de qualquer natureza” (MESSY, 1993, p.14). Já, em se tratando do envelhecimento enquanto perda, o autor se refere à perda dos supracitados objetos investidos. Ou seja, tanto as perdas quanto as aquisições estão presentes ao longo de toda a vida do sujeito, por isso tratam-se de processos inerentes ao envelhecimento, que todos vivemos desde o nascimento, e não à velhice em si. Não deixo, porém, de reconhecer que a intensidade das perdas aumente com o avançar da idade.

Todas as perdas vividas ao longo da existência de um sujeito indicam marcas que estruturam o seu eu: a perda dos dentes de leite, na criança é o avanço para a adolescência. A perda da virgindade, no jovem, é um marco que o aproxima da idade adulta. Quanto ao adulto, a menopausa nas mulheres, a aposentadoria e a perda de pessoas próximas com a mesma idade cronológica. Márquez exemplifica com maestria como o velho percebe seu acúmulo de perdas ao longo de uma vida.

O veneno mortal estava em uma foto panorâmica dos funcionários, feita no XXV aniversário da fundação do jornal, e na qual estavam assinalados com uma cruzinha sobre a cabeça os que iam morrendo. Eu era o terceiro da direita, com o chapéu de palha, a gravata de laço grande com uma pérola no prendedor, o primeiro bigode de coronel de guarda civil que tive até os quarenta anos, e os óculos metálicos de seminarista que me fizeram falta depois de meio século. Havia visto aquela foto dependurada durante anos em diferentes escritórios, mas só então fui sensível à sua mensagem: **dos quarenta e oito empregados originais só quatro estávamos vivos** [grifo meu] (MÁRQUEZ, 2005, p. 56-7).

Todas esses são momentos da vida significativos para o sujeito e, mais especificamente a aposentadoria – e acrescentaria aí a percepção da morte de pessoas com as quais conviveu ao longo da vida – são inscrições da sociedade no sujeito que envelhece (MESSY, 1993).

Nesse sentido, a velhice possui representações muito peculiares quando vista pelo olhar do outro, mas também quando o sujeito é questionado a falar sobre o que vê acerca de si mesmo. Ao tratar do suceder dos anos, fala dos efeitos sobre seu corpo e seu comportamento.

Não tinha um instante de sossego, mal conseguia comer e perdi tanto peso que as calças não paravam na cintura. As dores erráticas estacionaram nos meus ossos, mudava de ânimo sem razão, passava as noites num estado de deslumbramento que não me permitia ler nem escutar música, e em compensação passava o dia dando cabeçadas por causa da sonolência sonsa que não servia para dormir (MÁRQUEZ, 2005, p. 107-8).

Quanto à aposentadoria, Márquez (2005) também a aborda em sua ficção. Em continuidade à narrativa do retrato com as cruzinhas sobre as cabeças, o diretor do jornal lhe elogia por uma crônica bem escrita sobre a velhice: “quem pôs as cruzinhas não fui eu, disse. Acho que são de muito mau gosto. (...) Se antecipo a tudo: estou falando da sua demissão. Mal consegui dizer: é uma vida inteira. (...) Não tinha sentido termina-la com uma decisão que **mais parecia uma morte civil**” [grifo meu] (MÁRQUEZ, 2005, p. 57).

A aposentadoria, decorrência da velhice para o personagem, tem total relação com o ego. Essas realidades se manifestam no plano psíquico caracterizando a ruptura de um vínculo como um vácuo no ego do sujeito, vivido de forma dolorosa.

Quando pensamos amar uma pessoa, nosso ego investe nela uma imagem que o constitui. Quando a pessoa desaparece ou morre, a relação do ego com o objeto é marcada pelo luto, sendo vivida pelo sujeito como a perda. A libido investida no objeto se retira. A dor é uma decorrência da volta da imagem investida, e, aspecto capital, essa imagem fica desprovida de suporte da realidade do outro. Digo do outro, mas bem que poderia dizer do objeto. Não se trata do outro na sua inteireza, mas da perda desta parte do outro que constituía um aspecto do meu ego (MESSY, 1993, p. 15).

Ou seja, ao perder seus objetos, o ego perde também seus suportes e, assim, Messy (1993) conceitua o que considera a entrada na velhice: o momento em que o sujeito não consegue mais manter um nível mínimo de equilíbrio entre as perdas e aquisições. É certo que ao longo da vida sofremos inúmeras perdas, da mesma forma com que é esperado que busquemos outros objetos para substituir aqueles que foram perdidos. Cabe ao ego, portanto, administrar esses processos. Quando tal administração não é possível, considera o autor, e há uma ruptura no equilíbrio entre perdas e aquisições, o sujeito entra na velhice. Em geral, essa ruptura tem relação também com perdas anteriores e cruciais para desembocar em um sofrimento difícil de lidar.

Todos esses acontecimentos contribuem para um desinvestimento libidinal. O velho é desinvestido socialmente e se veste com o figurino da inutilidade. Ao deparar-se com o corpo fragmentado, nega o processo de luto e enfraquece seu eu ideal, definido por Freud (1914/2003, p. 91) como aquilo que o sujeito imagina que o eu “deveria ser”. A imagem constituinte do eu ideal seria fruto da busca constante do sujeito por recuperar uma satisfação desfrutada na perfeição narcisista da infância. É algo de que o sujeito não abre

mão mesmo quando se afasta da vivência do narcisismo primário, o que se espera que aconteça, para então haver a recuperação do estado narcísico no qual o eu foi o seu próprio ideal.

Se o eu não é mais o seu próprio ideal, sentimentos negativos emergem na vivência da feiura de ser velho: as rugas, as olheiras, a pele flácida, os cabelos brancos. Os espelhos são evitados e o sujeito é desinvestido. Com a queda do eu ideal, emerge o eu feiura, evidência da queda do ideal e um reviver os fantasmas do passado com relação ao estádio do espelho, o retorno do corpo fragmentado, uma referência ao estádio do espelho lacaniano.

Lacan compreende o estádio do espelho como um modelo que atravessa toda a vida do sujeito. Representa a relação libidinal do sujeito com sua imagem corporal, iniciada quando ainda é um bebê, pouco consciente de si. Porém, mesmo muito pequeno, por volta dos seis meses, o bebê já dá indícios de reconhecer sua imagem refletida no espelho, que passa de uma relação da ordem do real, daquilo que não pode ser simbolizado, até a compreensão do eu como imagem, chamada de imagem especular. Em outras palavras, Lacan desenvolveu a metáfora do espelho para representar a relação da criança com a realidade ao seu redor, “uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1966/1998, p. 97).

Para que a criança reconheça que está em relação com outros, primeiro ela precisa compreender que a imagem que vê é ela, ao mesmo tempo em que não é somente ela, uma vez que o eu se encontra alienado ao outro (o semelhante, a identificação) e também ao Outro (pois a criança, para constituir-se sujeito, precisa estar imersa na Linguagem, na Cultura e no Simbólico). Dessa forma, falar de sujeito, com Lacan, é falar de um eu assujeitado, que se constrói na relação com outros e o Outro, assujeitado pelo próprio desejo. É assim que a criança passa da imagem fragmentada do corpo para um eu que está longe de ser total, embora possa ser estruturado.

Não perdendo a metáfora do espelho lacaniana de vista, o estádio do espelho quebrado, na velhice, representa a fragmentação do corpo, o momento em que o sujeito se depara com a ameaça de extinção da espécie, a perda da identificação com o outro/Outro. Há uma antecipação da morte da imagem no espelho ou na imagem de um outro, entendido como mais velho do que si. Messy atenta para a possibilidade de surgir uma nova perda de um objeto investido neste período, “cujo luto já não é mais possível fazer e que vai transformar o adoecimento em trauma originário, não simbolizado” (MESSY, 1993, p. 46).

“O estado de velhice se caracteriza por uma depressão, pelo curvar-se sobre si mesmo, pelo desinvestimento no mundo externo” (idem, p. 47).

Como consequência, são crescentes os índices de suicídios na velhice, principalmente entre aqueles que sentem “não fazer mais falta”. Se não há uma falta, que é sempre constituinte, não há sentido na existência. Ou seja, a velhice guarda em si “a ideia de uma morte de nada. Quando ela surge, porém, torna-se uma morte por velhice” (MESSY, 1993, p. 35).

Através do medo de envelhecer não estará, acaso, o medo da morte que assim se exprime, ou falando de outro modo: o temor de perder a vida, como tivemos que perder o seio ou a placenta? Mas essa perda é impossível, impensável em demasia, exceto se anteciparmos o ganho de outra vida, celeste ou reencarnada, através da fé num ideal religioso. Talvez não seja a própria morte que cause medo, mas a ideia que temos dela (MESSY, 1993, p. 36).

Nossa sociedade presencia a expansão significativa da categoria “idoso” na população mundial, ao mesmo tempo em que rejeita sua presença. Logo, e não é à toa, que tantas vezes o velho introjeta tais sentimentos e assume uma posição de inferioridade; papel que muitas vezes não se comprova, dado os vários exemplos de pessoas que chegam à longevidade mantendo-se independentes e participantes da vida social, como é o caso do personagem da obra de Márquez (2005). O velho que de alguma forma se destaca é considerado como o que foge à regra.

Quando fui comprar a bicicleta não consegui resistir à tentação de experimentá-la e dei algumas voltas a esmo na rampa da loja. Ao vendedor que me perguntou a minha idade respondi com a graça da velhice: vou fazer noventa e um. O empregado disse exatamente o que eu queria ouvir: pois parece vinte a menos. **Eu mesmo não entendia como havia conservado aquela prática do colégio, e me senti sufocado por um gozo radiante** [grifo meu]. Comecei a cantar. (...) As pessoas me olhavam, divertidas, e gritavam para mim, me incitavam a participar na Volta da Colômbia em cadeira de rodas. Eu lhes fazia com a mão uma saudação de navegante feliz sem interromper a canção. Naquela semana, em homenagem a dezembro, escrevi outra crônica atrevida: *Como ser feliz*

anos noventa anos em uma bicicleta [grifo do autor] (MÁRQUEZ, 2005, p. 81).

No exemplo, o personagem surpreende a todos quando vai comprar uma bicicleta à sua jovem amada e expressa o que há de vida em si. Entretanto, viver os setenta, oitenta e noventa anos ou mais com autonomia e independência não é a realidade de todos e a grande quantidade de instituições de cuidados permanentes destinadas a essa população corroboram com a afirmação ao encarnarem o papel de “depósito” e de espera pelo fim da vida.

Para finalizar esta seção, ressaltamos que não adentraremos na especificidade no presente artigo, mas trazemos as considerações de Mucida (2004) com relação à vivência do desamparo por parte dos velhos, uma vez que o contexto capitalista enfatiza uma lógica de mercado na qual o velho torna-se o ultrapassado: não há espaço para ele diante do *boom* das inovações e da valorização da juventude. Resta-nos, então, a difícil pergunta: afinal, que lugar o velho ocupa?

A título de considerações finais, o lugar do velho no século XXI

Ao resgatar o papel da Psicanálise, percebemos sua importância no que diz respeito à velhice e ao velho, atentando que falamos de um sujeito do inconsciente, para o qual a temporalidade cronológica não existe. Psicanálise com velhos seria, então, tratar de um sujeito que vive um período da vida que é, em geral, bastante desinvestido, por si e pelos outros.

Mais de um século passou-se desde as primeiras orientações de Freud quanto à não aplicabilidade da Psicanálise com idosos. De lá para cá muito foi construído e não é possível continuar não dando atenção às pessoas mais velhas, hoje parcela significativa da população mundial.

Abordar a temática da velhice em articulação com a obra de Gabriel Garcia Márquez, *Memória de minhas putas tristes*, encontramos uma maneira de ilustrar algumas das relações vivenciadas pelos velhos na sociedade, quando atentamos para este fato pela via da Psicanálise. Com ela, evidenciamos que há um lugar no qual o velho é colocado no contexto social e que nem sempre este lugar valoriza suas vivências. Muitas vezes, trata-se de uma posição desinvestida e irrelevante, similar a uma “morte civil” como o próprio personagem de Garcia Márquez traz em dado trecho da obra.

À luz da Psicanálise, nos preocupamos com espaços de escuta e de diálogo, seja nos ambientes familiares, seja em outros espaços sociais de convívio para o velho, como os Centros de Convivência, as Universidades Abertas para a Terceira Idade e as Instituições de Longa Permanência, de modo que tenha condições de atualizar a si mesmo enquanto sujeito de desejos, interesses e posições. Com isso favorecemos seus sentimentos de pertencimento e criação de um lugar de referência, que demarque um espaço em que ele é capaz de se ver por se sentir objeto de desejo também do outro.

REFERÊNCIAS

BEE, H. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRASIL. Estatuto do Idoso. **Lei nº 10.741**, de 01 de outubro de 2003. 2004. Disponível em: http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/idoso_L10741.pdf Acesso em: 24 jan. 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Em 2012, a esperança de vida ao nascer era de 74,6 anos**. 2013. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/1LZKN> Acesso em: 24 jan. 2017.

BREUER, J.; FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1895/1990.

FREUD, S. A sexualidade na etiologia da neurose. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1898/1976.

_____. A História do Movimento Psicanalítico. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XIV, 1914.

_____. Introducción del Narcisismo. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XIV. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1914/2003, p. 71-98.

_____. O inconsciente. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1974.

_____. Análise terminável e interminável. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1937/1975.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 11**. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1964/1990.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. **Escritos**. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1966/1998.

MÁRQUEZ, G. G. **Memória de minhas putas tristes**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe**. São Paulo: Aleph, 1993.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**. Psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Data da submissão: 07/07/2016

Data da revisão: 27/11/2016

Data da aprovação: 14/02/2017

Parrésia: Revista Discente de Psicologia, v.1, n.1, 2017, p.1-4.